CINZAS AO SOLO

ALEXANDRE AMÉRICO
E MORVAN FRANÇA

PATROCÍNIO

PREFEITURA DO NATAL

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Offset editora

ISBN 978-65-89723-50-4

CINZAS AO SOLO

ALEXANDRE AMÉRICO
E MORVAN FRANÇA

PREFÁCIO 4

CARNE BARRENTA 10

A SUSPENÇÃO 12

DA ROCHA, O SILÊNCIO 16

CONTRIÇÃO 20

24 PLANO COREOGRÁFICO I

26 PLANO COREOGRÁFICO II

28 CINZAS AO SOLO

NOTAS DO AUTOR 31

PREFÁCIO

por Laís Guaraldo*

Essa peça de livro-dança é resultado de um processo criativo que se iniciou em setembro de 2014, prosseguiu por 2015 e gerou o espetáculo “Cinzas ao Solo”, em 2016, na Casa da Ribeira, em Natal (RN).

As fotografias foram clicadas por Morvan França e dançadas por Alexandre Américo, que também assina os textos. Morvan era biólogo e gostava de fotografar a natureza inabitada. Vindo de Belo Horizonte (MG), estava radicado, à época, há pouco tempo na cidade.

Os dois combinaram de explorar os locais onde Alexandre havia perambulado em sua infância e juventude, fora do turismo de massas. Saíram com a câmera fotográfica a buscar lugares de natureza exuberante. A princípio, essa prática era mais um experimento poético de vida do que um projeto artístico pré-estabelecido.

Rapidamente perceberam que aquilo que estavam vivendo e a força expressiva das fotos realizadas tinham potencial para ser explorado e transformado em espe-

táculo de dança, um projeto solo, uma exploração sobre a relação com a natureza e com a ancestralidade. Passaram a procurar mais lugares que, de alguma maneira, lhes convocassem a práticas de imersão. Explica Alexandre: “as fotos eram frutos da nossa relação, a visibilidade das nossas tensões, do invisível que existe entre Morvan e eu, que conseguimos capturar e tornar carne.”.

Havia lugares que Alexandre queria apresentar a Morvan. E, também, vontade “de dançar em outros pisos, outras plataformas, que não fosse o piso do estúdio, reto, plano, mas o piso brasileiro, sujo de barro, de pedra. E, naqueles lugares, o corpo já começava a se modificar, porque o pisar ali era diferente. Havia vontade de experimentar um corpo que surgisse dessa relação”.

Eles caminhavam muito e, em um determinado momento da caminhada, a dança aparecia e Alexandre começava a se mover. Às vezes esse início do dançar partia de Morvan que percebia o lugar e sentia a necessidade de clicar alguma coisa. “Ele era biólogo e se relacionava melhor com o não humano”, conta Alexandre. Evidenciou-se então uma certa lógica, uma recorrência de alguns movimentos, em especial aqueles que tinham semelhança com o enrolar e o desenrolar das plantas. Morvan pedia para Alexandre fazer alguma coisa, retomar movimentos anteriores. Foi se estabelecendo algumas palavras/imagem entre eles: “entra”, “curva”, “desenrola”. Não se tratavam

de poses, mas de vibração de corpo, de busca de um estado de alerta, comunhão e captação de forças.

Assistiram a documentários de Land Art, admiraram o trabalho artístico de Ana Mandieta e de Marta Soares, se alinharam com a proposta de ir a lugares e captar as ressonâncias que ali vibram, e de experimentar uma "dança por paragem", como propõe André Lepecki.

A "paragem" na dança, colocada em evidência por Lepecki, remete à proposta do coreógrafo norte americano Steve Paxton, chamada "The Stand". A "dança mínima" é sentida, não é feita. "Você assiste a si mesmo agir", com o esqueleto sustentado e a mente relaxada, percebe os micromovimentos, explica Paxton.

O que vemos aqui é, portanto, o resultado desse engajamento com o não movimento carregado de pulsão e das micropercepções de si em comunhão com o solo, com a água corrente, com as árvores e a conexão com a faixa de frequência que pulsa na natureza.

Encontraram a árvore oca e a rodearam. "Morvan disse: Entra. Então eu entrei e fiquei por quase 50 minutos. Eu em estado de dança. Com muito medo, precisando refrear os gatilhos emocionais até alguma coisa acontecer. Até a morte das dualidades. Só existia a presença", conta Alexandre.

Acompanhamos então os processos de busca, de freios e disparos de gatilhos emocionais, de comunhão entre corpo e ambiente, de desmanche da "pele" que separa o dentro e o fora.

Em diferentes culturas, há a menção a estados sutis onde a consciência "assiste" a imagens e a movimentos. Não se trata de "insights", mas de um tipo de conexão que dura certo tempo, e que resulta em um aprendizado profundo e pouco nomeado. Algo em torno do "estar presente" dos estados de meditação.

Entre os taoístas, há um princípio chamado Ziran que faz referência ao espontâneo, à naturalidade, ao seguir a própria natureza, compreendida como uma via possível para que se manifeste a ação sem esforço. O "espontâneo" do Ziran é diferente da impulsividade e do automatismo. As ações impulsivas são consideradas pelos taoístas produto de forças descontroladas, respostas a estímulos externos, erupção de emoções brutas. E o automatismo é visto como uma atuação mecânica, sem consciência das ações, que gera condutas repetidas e sem vida, explica Eugênia Manrique. O que se busca nesse princípio é um estado de equilíbrio de forças, de tranquilidade e segurança interior, de presença do ser no movimento, que se dá a partir da quietude, do vazio, da desativação dos automatismos para emergir uma ação com pouca presença do ego e em consonância com a própria ação.

"Ouvi a terra, ouvi o ar. Tudo cinza e marrom".

Posteriormente, no estúdio, esse material fotográfico e a memória da experiência foram transformados em dança cênica que culminou com o espetáculo de dança "Cinzas ao Solo". Todo esse processo foi também parte da pesquisa de mestrado de Alexandre Américo no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Vida, morte, natureza, ancestralidade, temporalidade, estado de devoração foram alguns eixos condutores do projeto.

"Uma sensação me tomava. Era uma ligação sutil com o céu. O eixo céu-terra se estabelece".

Esse ser que emerge da terra e se conecta com o céu, do espetáculo Cinzas ao Solo, tem algo de xamânico, compreendendo essa prática ritual como aquela praticada por povos ancestrais caçadores-coletores, a partir de variados estados alterados de consciência, em busca de percepções aumentadas das imagens mentais e das emoções. Xamãs são considerados mediadores entre mundos – visíveis e invisíveis.

Nessa caminhada pela mata do Rio Grande do Norte, o que foi encontrado? Encontraram práticas de percepção de forças, da força do aqui e agora, da natureza telúrica e frágil, da condição humana que se ergue e cai. Encontraram a monumentalidade da

natureza e fragilidade do corpo, que também é parte dela. E conexões com a pulsão de vida da mata e a pulsão de morte das cinzas, dos restos de vida das árvores. A experiência estética é sempre um instante de saúde no meio da travessia. E, na mata fechada, há um rio escuro.

* Laís Guaraldo: Docente do departamento de Artes da UFRN. Pesquisadora de processos de criação. Doutora pelo programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Depoimento de Alexandre Américo: dia 23/01/2021

CARNE BARRENTA

O velho barreiro de minha infância

O elemento terra, o barro nos despertava a atenção naquele momento. Ficamos horas lá. Ouvi a terra, ouvi o ar, senti o sol acariciando meu corpo em espécie de despedida. As nuvens o escondiam. Tudo era cinza e marrom. Achamos o galho. Uma sensação me tomava, era uma ligação sutil com o céu. O eixo céu terra se estabeleceu. A calmaria e a sensação de presença, de estar presentificado. O sentimento de que, de algum modo, eu estava comendo o mundo, que o mundo era eu, que tudo transitava, tudo era móvel, até minhas percepções. Nada me incomodava, porque eu era o Todo, não havia pele, não havia fora e dentro. Estava presente e aquilo era toda minha vida.

ENTRE O CÉU E A TERRA,
A CARNE DE MINHA DANÇA.

A SUSPENSÃO

A dolorosa ilusão da separatividade

A mata se fecha nos separando do mundo tumultuado lá fora. O cheiro das folhas molhadas, toda uma umidade e vapor emanam do chão. O verde escuro. Quanta beleza! O adentrar na lama escura, o medo que precisa ser dissipado. Meus gatilhos estão prontos para serem disparados. Estado de alerta que percebo interessante somente até certo ponto, pois a emoção do medo precisa realmente ser dissipada para que eu consiga a comunhão entre corpo e o entorno. Entrar no rio escuro, lugar do desconhecido, me apavora. Os animais silvestres me desesperam. Mergulho no rio, sinto a correnteza que novamente me acaricia, me acalma. O chão é de cascalho. Pode-se ouvir o rolar das pedras na água. A canção e a dança calma e lítica da natureza intocada.

O líquido, a placenta, a sensação de voltar ao âmago, ao ventre da Grande Mãe. Não há memória, não há imagens nítidas. Eu estou lá, presentificado mais uma vez. Do fundo do rio à janela que se abre no meio da mata, a vontade contínua: suspensão. Um corpo sem tensão, atenuado pela não gravidade que eu experienciei na água, agora se apresenta no instante e espaço externo a ela. Saltos, saltos, saltos, exaustão. O suor desce. A primeira nudez. Necessidade de me despir para me integrar ao espaço totalmente.

O ser e a pedra

DA ROCHA, O SILÊNCIO

Ida às rochas. No caminho, o silêncio do queimar do fogo de monturo. Deparamo-nos com um mar de cinzas e fogo brando. Calor. Estalos. A imagem era forte e dolorosa demais para que eu permanecesse ali. Imagens mentais surgiram. Brota em minha mente, o Inferno da Divina Comédia de Dante. Fujo. As rochas se apresentam em todo seu poderio e monumentalidade. Espanto-me e me deslumbro com tamanha força e com a sensação de regozijo que me evocam. Adentramos as cavernas e o velho estado do medo reaparece. Leva um tempo até que ele seja dispersado e eu comece a sentir o espaço realmente.

Pronto! Estado de alerta e comunhão, o medo sumiu. Texturas, ambiência, cortes de luz, umidade, calor. Capturo tudo com meus olhos, ouvidos, nariz, boca e pele. Saímos das cavernas e fomos a uma rocha imensa isolada no meio do nada. Ela ocupa o vazio de um lugar onde um dia houve vida, mas que, atualmente, inexiste, a sequidão crítica do lago a expô-la por completo. Subo e posso sentir a sensação de volume me tomar e invocar a vontade de me mover. Sinto calor, dor e desconforto. Mal-estar. Chego ao limite. O paradoxo entre a monumentalidade e o humano, corpo frágil.

O MONUMENTO, UMA RACHADURA NA CARNE DO TEMPO.

CONTRIÇÃO

A lágrima silenciosa do centro da árvore

Ela está sozinha, há o fantasma das chamas que queimaram a pouquíssimo tempo, fantasma que se manifesta em cheiro e temperatura. É quente e cheira a cinzas. Olhamos o ambiente desolado, sentimos a presença da morte. Caminhamos até a árvore que, mesmo desvitalizada, carrega a força elementar da resiliência necessária à vida. Minha sombra toca a árvore antes de mim, aqueço, movo minha coluna arqueando-a e transitando entre o corpo do velho e do novo.

Voo para dentro da árvore, ela me machuca e me arranha, logo entendemos que deveríamos ir com mais calma. O silêncio e a calma da árvore, a paciência. Estou novamente no ventre, eu sou o miolo, sou a alma da árvore. Vejo sua morte, imagino seu percurso, o seu rastro, toda a sua existência e a minha se cruzando. Tudo se presentifica. Estou naquele espaço-tempo. Eu peço perdão por todo o mal que causamos, eu sinto a dor dos desastres ambientais. Eu sinto o rio distante pedindo forças aos meus pés enraizados. Eu choro, choro de tristeza, depois a sensação de calmaria e luto por ter entendido tamanha catástrofe. Eis a dança que vai para além da dança. Eis a dança que é oração, súplica, comunhão, redenção.

PLANO COREOGRÁFICO I

CENA I - REVERÊNCIA OU SAUDAÇÃO

Silêncio, frente na postura de reza, mãos, ondulação da coluna, braços, a pedra côncava, o pêndulo, a abertura da boca para tomar ar, o som de respiração, a espiral pelas pernas, o estado umbral em fluxo na base baixa e na cinesfera pequena, o corpo acanhado, o render-se ao invisível, som em ecos, tentativas de subir no máximo ao nível médio e retorno ao chão, o caminhar como um camaleão, o velho que sopra, o olhar para frente e o respirar, *blackout* de luz.

CENA II - O BARRO E A CINZA

Luz, pés, e depois se revela o corpo todo, o som da raiz, caminhada no barro, os braços se erguem sem peso e derrete de cima para baixo me levando para trás, outra vez, mas o braço já sobe e ando com o caminhar do camelo até derreter, vou à frente outra vez e derreto com o giro espalhando o barro. O jogo agora é de um ser meio ave e meio raiz com base ancestral. No nível médio, mais uma pirueta parando com o corpo torto e de costas, o homem pássaro olha para a frente, *black*.

CENA III - O PRIMITIVO

O homem caminha, sons das aves, o homem vai ao chão se torcendo, ele percorre uma diagonal do fundo para a frente, ele faz a mesma coisa repetidas vezes, chega na frente e vai para o bicho de quatro apoios, se move, se desloca lateralmente pela frente fragmentado até subir para o nascimento, saliva, sobe, ergue braços, cai, melodia, derrete por todo o espaço em fluxo sem usar as mãos até levantar passando pela figura do velho e chegando no novo que vê a paisagem.

CENA IV - O HOMEM QUE DANÇA O ESPÍRITO

Uma dança intuitiva onde as mãos dançam. O deixar ser levado pelas linhas invisíveis, fluxos espaciais. Um movimento que vai se tornando periférico até que se pegue a máscara.

CENA V - O RETORNO À MÁSCARA SEM CHIFRES

A máscara adentra a luz. O homem ancestral olha para frente. *Black*. Som de revelação.

FIM-COMEÇO

PLANO COREOGRÁFICO II

Chão, reverência, oração – O silêncio, o chão em Cinzas.

A força do Céu sobre o meu corpo, respiro, mergulho.

A subida lenta.

Híbrido na tentativa de romper a força do Céu, o corpo do velho.

Abre-se outro quadro, venho me construindo animal, bicho. Quedas, recuperações, cansaço.

Aqui a luz respira, abranda.

O grito para dentro, a saliva, o sacrifício, o desmaio.

O embalo, as mãos que jamais tocam o chão. A oferenda, a entrega do meu corpo ao divino.

Ao retornar, danço tudo o que vivi, como se todas as minhas decisões só se firmassem naquele instante.

Da primeira imersão ao último instante consciente, todo o meu sentimento se faz dança, o corpo presentificado em todos os materiais.

A Máscara, o ancestral.

FIM-COMEÇO

CINZAS AO SOLO

Os pés sangram as cinzas úmidas na estrada poeirenta, que me leva à morte. A dança, ela sim, é o lugar onde eu posso mergulhar sem receio porque nela morrerei para nascer novamente, porque nela o tempo inexiste, porque ela me faz encontrar o ancestral que nos habita, fazendo-me olhar para os seus olhos profundos da sabedoria dos rios mais escuros de maré.

A dança me faz carnificar o primeiro homem que dançou... Em seus silêncios, em sua calma, em sua majestosa solitude.

Nota do autor

Este texto é resultante do componente curricular Elementos Técnicos e Estéticos da Dança Contemporânea, ofertado pela Professora Doutora Patrícia Leal, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN (PPGArC), em 2015. Desdobramento do Cinzas ao Solo, obra de dança concebida pelo autor, em 2016, este escrito é o compartilhamento sincero de uma jornada em dança que compreende o corpo enquanto mistério não-dicotômico: o corpo é a carne do mundo, os textos são imagens, a fotografia é a dança, a natureza é cultura, o fora é dentro, a vida é morte, o velho é o novo e as emoções são a razão de todas as coisas . As pistas de uma urdidura em dança estão dispostas no suporte que, provisioramente, nomeamos de livro-dança e, assim, podemos intuir que o mar infindável da criação artística só é possível ao ser um paradoxo em inacabamento.

Dança e escritos
ALEXANDRE AMÉRICO

Ensaio fotográfico
MORVAN FRANÇA

Fotografias do plano coreográfico
BRUNNO MARTINS

Projeto gráfico e diagramação
VINICIUS DANTAS - Estúdio Aya+

Revisão
ADRIANO CRUZ

Produção executiva
CELSO FILHO - Listo Produções!

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A512

Américo, Alexandre

Cinzas ao solo / Alexandre Américo; Morvan França (Fotografia) – Natal: Offset, 2021.

32 p., fotos.; 14,8 X 21 cm

ISBN 978-65-89731-50-4

1. Teatro. 2. Dança contemporânea. 3. Fotografia. I. Américo, Alexandre. II. França, Morvan (Fotografia). III. Título.

CDD 792

Índice para catálogo sistemático

I. Teatro